



Abusos e truculência marcam um mês de intervenção na segurança pública do Rio

A intervenção federal militar determinada pelo golpista e ilegítimo Michel Temer (MDB-SP) na segurança pública no Rio de Janeiro completou um mês na última sexta-feira, 16, apenas dois dias após o assassinato da vereadora Marielle Franco (Psol), executada com quatro tiros na cabeça e, ao contrário do que o governo esperava, o balanço é extremamente negativo. Aumentou o número de homicídios e é grande a revolta com os constrangimentos e humilhações impostos à população.

Cenas como crianças tendo suas mochilas revistadas antes de entrarem na escola e moradores

das favelas fotografados segurando a identidade para circular pela cidade se tornaram corriqueiras e expõem a arbitrariedade das ações militares desde a intervenção.

Quanto à violência, relatório divulgado no dia 15 de março, pela plataforma Fogo Cruzado, desenvolvida como uma ferramenta de mapeamento coletivo de tiroteios e disparos de armas de fogo no Rio de Janeiro, apontou aumento nos homicídios a tiros desde que o golpista decretou a intervenção.

Os dados, uma compilação de levantamentos de usuários da plataforma, da imprensa e dos canais oficiais da Polícia Militar,

mostra que foram 149 assassinatos em tiroteios no último mês, contra 126 entre 15 de janeiro e 16 de fevereiro deste ano. Os tiroteios com a presença de um agente de segurança representam 133 do número total deste mês. Entre janeiro e fevereiro, o número foi 106.

Contatada pelo Brasil de Fato, a assessoria de imprensa do Instituto de Segurança Pública da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, responsável pelos mapeamento de dados sobre a violência no estado, afirmou que ainda não possui estatísticas atualizadas do último mês.

Com informações repassadas pela CUT.

X Congresso do Sindicato dos Servidores Públicos Federais no Estado do Maranhão

21 a 24
Março/2018
Praia Mar Hotel
São Luís do Maranhão



TV ALTERNATIVA / CANAL 35

X CONSEF

"Ousar, Unificar e Lutar para Garantir Direitos"

Por que Marielle?

Por Juliano Medeiros (Historiador e presidente nacional do PSOL)

Eram 22h quando Marcelo Freixo, referência internacional na luta pelos direitos humanos contra a violência policial, me telefonou. "Mataram a Marielle! Mataram a Marielle!", disse ele com a voz embargada, minutos antes de se dirigir ao local do crime. Fiquei atônito. Como assim "mataram a Marielle"? Ela não vinha sendo ameaçada, como confirmaram depois seus assessores e familiares. E suas denúncias contra a violência policial, embora gravíssimas, se resumiam a publicações nas redes sociais, como fazem outros ativistas dos direitos humanos no Rio de Janeiro, sem que tivessem resultado em investigações ou prisões. Então, por que Marielle?

Há muitas hipóteses circulando na imprensa. Nossa dor ainda não permitiu analisar racionalmente toda a situação. Todos nós que conhecemos Marielle estamos, de alguma forma, chocados com a barbaridade do crime. Mas ainda mais chocados com a ausência de elementos que pudessem explicar esse assassinato covarde. Impossível não lembrar das ameaças contra Freixo, quando presidiu a CPI das Milícias na Assembleia Legislativa do Rio, assessorado pela própria Marielle. Apesar das ameaças e riscos que ainda corre, ele segue entre nós. E ontem era um dos que choravam a morte de sua companheira de jornada, sem entender as motivações daquela atrocidade.

Está claro que se trata de um crime político, isto é, com a finalidade de provocar uma grande repercussão nos círculos do poder. Se Marielle, embora relatora da Comissão De Acompanhamento da Intervenção Militar Federal no Rio de Janeiro, não fosse alvo "preferencial" de mili-

cianos ou PMs – como atesta a própria ausência de ameaças e, consequentemente, de aparato de segurança privada – por que mataram Marielle?

Ainda é muito cedo para concluir as motivações dos autores. Desmoralizar a intervenção militar? Disseminar o terror entre os ativistas dos direitos humanos? Evitar a ascensão de uma nova liderança de esquerda contra a violência policial nas comunidades do Rio? Esses fatores, isoladamente, não parecem explicar por que escolheram Marielle.

Um elemento, porém, parece inquestionável: o racismo e o machismo estão por trás do crime. Marielle não era a única ativista de direitos humanos do PSOL com mandato parlamentar. Nem tinha tomado recentemente medidas legais contra a banda podre da Polícia Militar do Rio. Mas era uma mulher negra, lésbica, oriunda da favela da Maré, que ousou ocupar um espaço destinado historicamente a homens brancos ricos. E isso fazia dela, na cabeça doentia de seus algozes, um alvo "natural", uma anomalia do sistema. Apesar de vereadora eleita com votação expressiva, seus assassinos – profissionais da morte, como demonstram as características do crime – certamente a viam como mais um daqueles corpos "descartáveis". Mal sabiam que os tempos são outros e que o Brasil já não aceita a barbárie contra uma liderança da expressão de Marielle.

As demonstrações de solidariedade e indignação encheram o PSOL de esperança e deram alento a todos os que chorávamos a perda de Marielle. Milhares de pessoas em todo o Brasil se emocionaram e se indignaram com a banalidade do mal, que embora vitime lideranças populares, indígenas e sem-terra todos as semanas, nunca

tinha chegado tão longe. Ao executar aquela mulher negra da Maré, no centro do Rio de Janeiro, mal sabiam que estavam despertando a indignação de todas as mulheres do país. Quantas companheiras me disseram, ontem, indignadas, "poderia ter sido eu"? Imagino o que sentiram nossas vereadoras, muitas delas ativistas dos direitos humanos, sabendo que ainda há quem veja mulheres negras – mesmo com mandato parlamentar – como alvos em potencial.

O crime ganhou repercussão internacional e não seria de espantar se as autoridades descobrissem com alguma rapidez os autores do assassinato. Afinal, é a credibilidade da própria intervenção militar de Temer que está em jogo. Mas é pouco provável que venham à tona todas as motivações dos criminosos. Nos relatórios da perícia ou dos investigadores não estará escrito: "morreu porque era mulher e negra". Aliás, essa frase seria suficiente para explicar boa parte dos assassinatos promovidos pelas forças de "segurança" em todo o país contra civis inocentes. É claro que esse fator não é suficiente para explicar por que escolheram Marielle. Mas não há dúvida de que o racismo e a misoginia são cúmplices desse crime brutal.

A luta que se inicia – ou melhor, se amplia, ganhando as massas – não termina com a prisão dos assassinos de Marielle. Ela só terá fim quando chegarmos ao mundo que ela sonhou: um mundo em que mulheres, negros e negras, do morro ou do asfalto, tenham os mesmos direitos e vivam com dignidade. Transformemos nossa dor em indignação. E da indignação, força para transformar o Brasil.